

Um mosaico de gostos diversos

Nas cem edições de **CineSemana**, completadas hoje, dezenas de entrevistas com cineastas, escritores, atores, artistas plásticos e toda sorte de personalidades ligadas ao universo cultural. Em nenhuma delas, no entanto, perguntamos qual o filme preferido do entrevistado. Talvez porque a questão apresenta certa banalidade, mas também porque carrega consigo uma impossibilidade de respondê-la plenamente. No entanto, a questão permanece: qual o filme favorito dessa gente?

Nesta centésima edição, decidimos presentear os leitores com esta resposta. Perguntamos para dezenas de pessoas ligadas ao universo cultural "qual seu filme preferido e por quê?". Entre reações assustadas, pedidos de tempo (dias) para pensar e justificativas as mais extravagantes, as respostas, sempre legítimas quando aceitamos que é impossível escolher apenas um filme, acabaram formando um grande mosaico de gostos cinematográficos diversos. E para mostrar solidariedade aos que se esforçaram para encontrar uma resposta satisfatória e matar por completo a curiosidade dos leitores, a equipe do **CineSemana** também decidiu abrir o jogo. Confira o resultado desta brincadeira.



Fotos de divulgação

O Balão Vermelho, filme de 1956, dirigido por Albert Lamorisse, mesmo sem ser um longa-metragem, é o filme favorito de Gilberto Perin pela sua emoção, imaginação e simplicidade

GUSTAVO SPOLIDORO, cineasta e curador do CineEsquemaNovo

■ O Bandido da Luz Vermelha (Rogério Sganzerla, 1968)

Por ser um filme único na cinematografia brasileira, um filme tão revolucionário que nada se compara a ele, mais de 40 anos depois de sua realização. O filme mais ousado, louco, moderno, divertido e livre feito na história do nosso cinema.

MARTHA MEDEIROS, escritora

■ Na Natureza Selvagem (Sean Penn, 2007)

Gosto muito de *Na Natureza Selvagem*, belamente dirigido por Sean Penn e baseado numa história real. Com uma fotografia e trilha sonora excelentes, o filme resgata um idealismo que não existe mais: o de viver de acordo com nossa essência, e não de acordo com as regras impostas pela sociedade. Emocionante.

MARCELO OLIVEIRA DA SILVA, coordenador de comunicação da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre

■ Metrópolis (Fritz Lang, 1927)

É o primeiro filme tombado pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade (World Memory Register). Tem vários ingredientes essenciais de um clássico, como a possibilidade de sempre oferecer uma nova leitura. Influenciou profundamente as ficções futurísticas e formou a concepção visual que

até hoje se tem de robôs. Teve a primeira trilha sonora especialmente composta. Tem uma ambientação (expressionista) que torna possível a identificação de quase qualquer cena sua, culminando com conteúdo humanista e libertador. É uma obra que nunca termina o que tem para dizer.

IVONETE PINTO, presidente da Associação de Críticos de Cinema do Rio Grande do Sul

■ O Desprezo (Jean-Luc Godard, 1963)

Pela forma, que traduz a ambiguidade dos sentimentos, pelo conteúdo, que fala de cinema de maneira ainda atual. Também pela trilha do Georges Delerue, pelas locações, e pelo final trágico, já que todas boas histórias de amor terminam mal. Godard nunca mais alcançou resultado igual.

JUAN ZAPATA, cineasta

■ El Lado Oscuro Del Corazon (Eliseo Subiela, 1992)

Depois de ver 17 vezes este filme, posso assegurar que motivou em mim o desejo de fazer cinema ao sentir-me identificado com a poesia, narrativa e estrutura do mesmo, convertendo-me num "Oliverio" na procura das histórias que me fazem voar.

FERNANDO RAMOS, editor do Jornal Vaia

■ Terra em Transe (Glauber Rocha, 1967)

Porque é uma obra de arte que provoca

um choque de realidade brasileira nos olhos e mente do espectador, e ainda é contemporâneo e inovador. Esteticamente, ele está para o cinema brasileiro do mesmo modo que a voz de Maria Bethânia está pra música brasileira.

ANDRÉ KLEINERT, diretor de programação do Clube de Cinema de Porto Alegre

■ O Poderoso Chefão (Francis Ford Coppola, 1973)

Coppola transformou um livro de méritos artísticos questionáveis em um filme genial tomado pelo espírito de tragédia familiar shakesperiana.

ELY DINIZ DA SILVA FILHO, presidente do Festival de Dança de Joinville

■ Blowup: Depois Daquele Beijo (Michelangelo Antonioni, 1966)

Porque traz a essência dos anos 1960 através da cultura, da música e das várias rupturas daquele período.

CARLOS GERBASE, cineasta

■ De Olhos Bem Fechados (Stanley Kubrick, 1999)

De modo geral, eu gosto muito do Stanley Kubrick. Eu gosto muito do filme *De Olhos Bem Fechados*, vou citar esse porque geralmente as pessoas não gostam. É o último filme dele. Eu acho que consegue ser um filme grande sobre um assunto pequeno. O Kubrick é um cara

grandioso, um cara espetacular e ele consegue fazer espetáculo em cima dos desejos humanos. Ele sempre foi um cara de grandes temas e dessa vez ele trabalhou com o texto de Arthur Schnitzler, escritor austríaco, e conseguiu fazer um filme muito diferente, muito original.

ANTONIO HOHLFELDT, jornalista e professor

■ Fantasia (Walt Disney, 1940)

Na época, foi pioneiro em muita coisa, e abriu um caminho definitivo para o cinema de animação que hoje em dia, com a digitalização, pode ser cada vez mais explorado. Mas se, na ocasião, Disney não tivesse tido a coragem de fazê-lo, quem diz que, hoje em dia, existiria cinema de animação?

FLÁVIO ILHA, jornalista, editor da revista Aplauso

■ A Doce Vida (Federico Fellini, 1960)

O filme da minha vida – que não quer dizer o melhor – continua sendo *A Doce Vida*, de Fellini. Não só pelo filme em si, que segue sendo genial mesmo depois de 50 anos, mas pelo impacto que me causou quando o vi pela primeira vez... era 1979? Não lembro. Sei que não tinha 20 anos e a história do jornalista Marcelo, com sua trajetória torta rumo ao entendimento (e depois à amarga maturidade), me apresentou um universo de mitos modernos de que eu jamais ouvira falar: a psicanálise, o existencialismo, a sociedade

do espetáculo, a depressão e... Anouk Aimée! Sei, sei: eu deveria citar Anita Ekberg e seu banho noturno na Fontana di Trevi – a cena toda, sem dúvida, é de uma ternura que poucas vezes eu vi nas minhas milhares de idas ao cinema. Mas a Anouk inatingível, quase mística, de *A Doce Vida* nunca mais me saiu da cabeça.

GILBERTO PERIN, diretor do Núcleo de Especiais RBS TV

■ O Balão Vermelho (Albert Lamorisse, 1956)

Não é longa, tem 34 minutos, mas ganhou o Oscar de Melhor Roteiro, em 1957; não "revolucionou" a estética e linguagem do cinema, mas tem muito mais do que isso. Tem imaginação, emoção, simplicidade, boa história, surpreende e fala (mesmo sem palavras) de coisas básicas: solidão, amizade e liberdade. Enfim, um clássico.

HÉLIO NASCIMENTO, crítico de cinema

■ Gritos e Sussurros (Ingmar Bergman, 1972)

Nenhum filme como este explorou as carências humanas e nenhum se aproximou de tal maneira do sofrimento causado pela indiferença e a desumanidade. Os personagens aparecem como símbolos poderosos de criaturas em busca de equilíbrio e harmonia. O epílogo concretiza de forma comovente tal desejo. Se Bergman, para mim, é o maior dos ci-

ESPECIAL



Woody Allen foi o cineasta mais citado entre os pesquisados. Aqui, está em *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa*, de 1977, filme favorito do músico e radialista Arthur de Faria

neastas, penso ser coerente escolhendo o que me parece o maior de seus filmes, mesmo que tal tarefa seja penosa e difícil, por deixar de lado centenas de momentos marcantes.

PAULO NASCIMENTO, cineasta

■ *Amarcord* (Federico Fellini, 1973)
Meu filme favorito, mesmo com o passar do tempo continua sendo *Amarcord*, pela simplicidade, poesia e inventividade que não vi em nenhum outro filme desde que assisti, na minha opinião, a obra prima de Fellini.

ELISIANE WIGGERS, coreógrafa e professora de dança

■ *O Código da Vinci* (Ron Howard, 2006)
Gostei muito do filme *O Código da Vinci*, pois sua história é instigante, envolve aventura, obras de arte, cita Leonardo da Vinci com um fundo religioso, as cenas do museu do Louvre em Paris é algo espetacular. Não da pra perder nenhuma cena e o final é surpreendente.

BRUNO NOVELLI, artista plástico

■ *A Montanha Sagrada* (Alexandro Jodorowsky, 1973)
Por ser uma obra prima de um visionário que admiro.

MARINA GIL, diretora executiva do Festival Internacional de Teatro de Bonecos de Canela

■ *Muito Além do Jardim* (Hal Ashby, 1979)

Pelo humor refinado e pela clara mensagem de que as coisas podem não ser o que parecem.

ONDJAKI, escritor angolano

■ *Infernal Affairs* (Wai-keung Lau e Alan Mak, 2002)

Hoje, escolho a versão chinesa de *Infernal Affairs I, II e III*. Parece apenas um filme onde um infiltrado na polícia e um policial infiltrado numa gangue tentam descobrir a identidade de um do outro. O filme estende-se e acabam por ser três filmes. Lindos, bem filmados, com incrível fotografia

e uso brilhante da banda sonora. Vejo e revejo esse filme (que depois deu origem a *Os Infiltrados*, 2006). Mas a versão americana é uma pobre e apagada imitação. Há que ver o original para entender as incríveis vidas de Andy Lau ou Tony Leung. Um dos mais belos filmes que já vi na vida. (Mas deveria ter escolhido *Lavoura Arcaica*, 2001...)

PENA CABREIRA, escritor e artista plástico

■ *As Aventuras do Barão de Munchausen* (Terry Gilliam, 1988)
Pensei nos de Bergman, até nos dos Irmãos Coen, passando pelos de Hitchcock, etc. Optei por um filme que adoro e que ninguém escolherá: *As Aventuras do Barão de Munchausen*. Ele representa a ponta de um iceberg poderoso, como outros do próprio Terry Gilliam e a filmografia de dois diretores menos midiáticos, mas não menos importantes: Emir Kusturica e Alejandro Jodorowsky. Diretores de formações distintas que tem em comum uma poética de difícil digestão com alto poder estético.

ARTHUR DE FARIA, músico e radialista

■ *Noivo Neurótico, Noiva Nervosa* (Woody Allen, 1977)

Porque o Woody Allen é um cara que faz parte da minha vida e do qual eu gosto até dos filmes ruins (sério: eu vi todos). Porque ali ele consegue tocar na mais profunda alma classe média letrada sem ter um pensamento de classe média letrada. Porque ali ele é engraçado como nos seus filmes mais engraçados e profundo como nos seus filmes mais profundos. E, é claro: porque eu nunca mais vi lagostas, uma cozinha, e a vida como ela é sem lembrar daquela cena.

MANOEL DE SOUZA, editor da revista Mundo dos Super-Heróis

■ *Superman* (Richard Donner, 1978)

Já o assisti umas 300 vezes e ainda hoje mantenho esse ritual. Semana passada mesmo fiquei meio estressado no trabalho

e passei a tarde no sofá revendo os detalhes dessa obra-prima do Richard Donner. Curto, particularmente, a versão restaurada de 2000, com cenas inéditas e som original. Até então, só tinha visto a versão legendada em VHS. Nunca tinha imaginado como os efeitos sonoros eram ricos e as cores tão vivas. As cenas extras e os documentários que acompanham o DVD são imperdíveis. Nenhum filme conseguiu superar aquele *Superman* de 1978.

MARLENE SCHLINDWEIN, presidente da Fundação Cultural de Blumenau

■ *O Som do Coração* (Kirsten Sheridan, 2007)

Me emocionou muito. É um filme que nos toca o coração, pois envolve família, filhos e o que nós pais devemos deixar de legado, como educação, honestidade, perseverança.

DANI TURCHETO, músico

■ *Magnolia* (Paul Thomas Anderson, 1999)

Magnolia é um filme essencial porque é sobre o perdão. Os personagens são sofridos, incompletos e verdadeiros, pois estão presos dentro da sua condição humana. Eles precisam dar ou pedir perdão a alguém numa narrativa genial que se entrelaça do meio para o final. Quando tudo parece fazer sentido, o nonsense acontece com uma chuva de sapos. Essa chuva parece uma intervenção divina que lava a cidade e liberta todos os personagens de sua estreita e sofrida condição humana. A trilha sonora é genial e composta por canções de Aimee Mann, além de dois clássicos do Supertramp que trazem um clima simplista e minimalista para as cenas. Deu vontade de assistir de novo!

ALTAIR MARTINS, escritor

■ *Beleza Americana* (Sam Mendes, 1999)

Sinto que ele corresponde àquilo que busco na literatura: denunciar a falência de uma sociedade fundada na hipocrisia de um bem comum. Além disso, a história se entretetece com humor, poesia

e uma boa dose de suspense (sobretudo no final). É o perfeito tapa na cara em plena era do ainda american way life.

RODRIGO ROSP, sócio-editor da Dublinense

■ *Zelig* (Woody Allen, 1983)

Somos todos camaleões. Todos somos Leonard Zelig.

CARLOS URBIM, escritor e patrono na 55ª Feira do Livro de Porto Alegre

■ *A Prima Angélica* (Carlos Saura, 1974)

Um homem maduro volta à cidade natal. A inesquecível sacação do Saura é fazer com que um adulto reveja cenas da infância na condição de marmanjo sentadinho na sala de aula com outras crianças. De noite, na casa da tia, faz xixi na cama. Como em qualquer obra de Saura, o pano de fundo é a dramática história da Espanha no século XX.

JOÃO PEDRO FLECK, presidente do FantasPoa

■ *Dias do Paraíso* (Terrence Malic, 1978)

Eu considero esse filme absolutamente perfeito, com uma mistura que poucas vezes foi alcançada entre aspectos visuais e de roteiro, tornando-o inesquecível para os apreciadores do melhor que o cinema tem a oferecer.

LIMA TRINDADE, escritor

■ *Madadayo* (Akira Kurosawa, 1993)

Este é um filme de aparente simplicidade e extrema delicadeza. O grande diretor japonês narra aqui a vida de um professor que, no ano de 1943, antes do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki, decide se aposentar de sua cátedra para se dedicar à carreira de escritor. Não contentes com sua decisão, seus ex-alunos passam a lhe visitar sistematicamente e fazem das datas de seu aniversário uma grande festa e ritual. Nelas, repetem a pergunta que as crianças fazem quando brincam de esconder: "Está pronto?". Ao qual o professor, por sua vez, responde: "Ainda não". Indo além da alegoria, *Madadayo* traça um sensi-

vel retrato da amizade e solidariedade existente entre os homens.

GIBA ASSIS BRASIL, cineasta

■ *Cabra Marcado Para Morrer* (Eduardo Coutinho, 1984)

Porque tem uma história única: começou como um filme de ficção e terminou, 20 anos depois, como um documentário; começou tentando participar da história do país, e terminou sendo determinado por ela. Porque revelou um dos maiores cineastas do final do século passado. E porque, sem precisar revê-lo, cada vez que eu penso nele aprendo coisas novas sobre o Brasil.

JOICE SANTOS, cantora

■ *O Som do Coração* (Kirsten Sheridan, 2007)

É um lindo filme que conta a história de um menino super talentoso musicalmente, que nasceu com o dom e ele segue o som das coisas na vida dele! Escolho esse filme porque ele passa uma mensagem muito bonita, sentimental e gostosa de como a música é incrivelmente capaz de unir as pessoas.

LILIANA SULZBACH, cineasta

■ *Berlin, Alexanderplatz* (Rainer Werner Fassbinder)

Assisti recentemente à versão restaurada de *Berlin, Alexanderplatz*, de Rainer Werner Fassbinder – que na realidade não é apenas um filme, mas uma série – e fiquei novamente impressionada. Mesmo depois de quase trinta anos, conserva o frescor de um cineasta inquieto, irreverente, profundo e muito talentoso.

DANIEL BERTOLUCCI, secretário de Cultura de Gramado

■ *Ilha da Flores* (Jorge Furtado, 1989)

Porque foi um filme que fez despertar meu olhar crítico sobre a situação social do Brasil, além de incentivar o interesse pela sétima arte quando ainda adolescente. Desde então me apaixonei pelo audiovisual, em especial pelo cinema brasileiro.

FERNANDO TORRES, escritor e coordenador do site Arlequinal

■ *O Grande Ditador* (Charles Chaplin, 1940) e *Luzes da Ribalta* (Charles Chaplin, 1952)

Chaplin demorou a falar em cena, mas quando o vagabundo falou fez um dos mais belos discursos da história do cinema, o *Grande Ditador* encerra o cinema mudo em seu ápice. O filme é impecável. Por outro lado, a angústia do Palhaço Calvero diante da morte e sua busca de reconhecimento e redenção (por meio de sua relação com a bailarina Terry) fazem de *Luzes da Ribalta* uma obra prima do cinema. Com esses filmes Chaplin resume todo cinema e sua obra, deixando seu legado aos artistas que viriam e se consolidando como um dos maiores gênios do Século XX.

Chaplin demorou a falar em cena, mas quando o vagabundo falou fez um dos mais belos discursos da história do cinema, o *Grande Ditador* encerra o cinema mudo em seu ápice. O filme é impecável. Por outro lado, a angústia do Palhaço Calvero diante da morte e sua busca de reconhecimento e redenção (por meio de sua relação com a bailarina Terry) fazem de *Luzes da Ribalta* uma obra prima do cinema. Com esses filmes Chaplin resume todo cinema e sua obra, deixando seu legado aos artistas que viriam e se consolidando como um dos maiores gênios do Século XX.

RODRIGO FALK BRUM, cineasta

■ *Clube da Luta* (David Fincher, 1999)

É uma porrada na nossa maneira de levar a vida, e a música do Pixies fecha o filme com chave de ouro.

MÔNICA LEAL, secretária de Cultura do Estado do Rio Grande do Sul

■ *Clube do Imperador* (Michael Hoffman, 2002)

Para mim, o filme *Clube do Imperador* do diretor Michael Hoffman, é uma bela amostragem de como se estabelecem os códigos das condutas pessoais e profissionais. Num cenário acadêmico, onde as relações acontecem, o filho de um senador, criado sem limites, entra pensando que para ele não haveria regras e que dominaria o ambiente. Mas se depara com um professor com caráter e moral acima de qualquer interesse e com total compromisso com a educação. Ali, há o encontro desses dois

ESPECIAL

mundos. Esse filme me faz confirmar a ideia de que o ser humano é o resultado do meio e da forma como é criado.

CHARLES KIEFER, escritor

■ *Blade Runner* (Ridley Scott, 1982)
Pelo roteiro, pelo cenário, pela iluminação, pela música, pela magistral atuação dos atores, pelo que o filme representou na década de 90 do século passado, antecipando muitas coisas que estavam e estão ainda por acontecer. Um filme extraordinário e que não perdeu a sua atualidade. Revi há poucos dias e fiquei ainda mais fascinado pelo filme. E gosto mais da versão do diretor, que é diferente da versão comercial, imposta pelos produtores.

ANA MARIANO, poetisa

■ *O Banheiro do Papa* (César Charlone, 2007)
Por mostrar como é complexa a simplicidade.

BERNARDO MORAES, escritor

■ *Procura-se Amy* (Kevin Smith, 1997)
Ele junta os melhores elementos desse diretor sem ser comédia demais. Holden McNeil (Ben Affleck) é um desenhista de histórias em quadrinhos que se apaixona por Alyssa Jones (Joey Lauren Adams), outra desenhista. Mas ele não sabe que ela gosta mesmo é de garotas. O melhor amigo de Holden, Banky Edwards (Jason Lee) não aprova o romance. O que acontece é uma comédia romântica fora do comum, sensibilidade inteligente, muitos diálogos e um monte de referências à tão famosa "cultura pop". Consegue ser triste e bonito e divertido mesmo tempo. E o melhor: Kevin Smith nunca teve a pretensão de ser um "grande diretor". Ele é honesto e autoral.

ANNIE MÜLLER, publicitária e escritora de livros infanto-juvenis

■ *O Jardineiro Fiel* (Fernando Meirelles, 2005)
Pois oferece uma crítica social com profundidade suficiente para nos fazer refletir, e uma fotografia que nos encanta mesmo com sua realidade cruel. Para mim, Fernando Meirelles conseguiu reunir num só filme os melhores verbos que fazem o cinema: surpreender, inquietar e romper com nossa comodidade, seja ela visual ou emocional.

LUIZ RUFFATO, escritor

■ *Desencanto* (David Lean, 1945)
Toda semana uma mulher toma um trem e dirige-se a uma cidade vizinha para pegar um livro na biblioteca municipal. Aproveita para passear e bater pernas. Até que um dia, por acaso, cruza com um jovem médico, que ali dá plantões. Eles se apaixonam e durante alguns meses mantêm uma arrebatadora, mas casta relação. Então, ela, casada, ele, noivo, têm de tomar uma decisão. A maior e mais fascinante história de amor proibido do cinema, numa magistral direção de David Lean, a partir de uma peça de Noel Coward. *Desencanto* evidenciou para mim como é possível construir uma grande narrativa a partir dos fiapos de uma vida banal.

OS GÊMEOS OTÁVIO E GUSTAVO PANDOLFO, artistas urbanos

■ *The Wall* (Alan Parker, 1982)
Pela história, poesia, música e mesmo sento antigo, acho que de 80, e super atualizado.

RUBENS EWALD FILHO, crítico de cinema

■ *2001: Uma Odisseia no Espaço* (Stanley Kubrick, 1968)
Feito antes da chegada do homem na Lua, é um ousado até hoje. Exercício em linguagem visual, mística, ainda não superado. A cada vez que vejo, tenho o mesmo impacto.



Quem não se lembra de Casablanca, sobretudo das cenas no Rick's Café? O longa é o favorito do escritor e tradutor Fábio Fernandes e do jornalista Eliziário Goulart Rocha

RAFAEL MADEIRA, criador da tirinha Cersibon

■ *A Scanner Darkly* (Richard Linklater, 2006)
Um filme que vejo sempre que tenho oportunidade é *A Scanner Darkly*, adaptação de Richard Linklater do livro de Philip K. Dick. Sempre que leio algo dele (algo que também sempre faço quando tenho chance), fico semanas remoendo, assombrado, devastado – mas de um jeito maravilhoso. E esse filme, apesar de não ser ótimo, traduziu muito bem essa sensação pro meio audiovisual. É quase que uma droga, pra mim.

LUIS FLAVIO TRAMPO, artista urbano

■ *O Rap do Pequeno Príncipe Contra as Almas Sebasas* (Marcelo Luna e Paulo Caldas, 2000)
Cinema com temática social que reflete a realidade de quem vive na periferia numa sociedade pobre e muito desigual. A abertura do filme é assinada pelos Os Gêmeos e Vitche. Trata-se de uma reflexão serena sobre o fenômeno da violência numa sociedade pobre e muito desigual.

RAFAEL BAN JACOBSEN, escritor

■ *E o Vento Levou...* (Victor Fleming, 1939)
Clássico, lento (na melhor acepção da palavra), e de uma plástica irretocável. Brega, diriam alguns, mas "I don't give a damn!".

ANDRÉ "CARDOSO" CZARNOBAI, blogueiro e escritor

■ *Estrada Perdida* (David Lynch, 1997)
Em 2007 fui eleito pela publicação inglesa THE GUARDIAN uma das dez pessoas mais INFLUENCIÁVEIS do planeta, de modo que aprecio muito filmes de HORROR, TERROR, SUSPENSE e qualquer outro tipo de CAGAÇO – sobretudo SOBRENATURAL. Pra mim, o ápice do estilo é *Estrada Perdida* (Lost Highway), do David Lynch, basicamente porque depois de assisti-lo pela primeira vez fiquei uns dez dias tendo a mais nítida CERTEZA de que estava sendo PERSEGUIDO por aquele carinha SI-

NISTRO que gravita numa vibe pesada de ANOS 30 e apavora MUITO o personagem principal do filme na cena do TELEFONEMA NA FESTA. Sempre que olhava pelo retrovisor, via o cara lá. Por sorte, nunca ERA.

DANIEL GALERA, escritor

■ *Vá e Veja* (Elem Klimov, 1985)
É um épico apavorante sobre a invasão alemã na Bielorrússia durante a Segunda Guerra. Meu favorito por dois motivos: a mina louca da floresta e a cara do guri.

SAMIR MACHADO DE MACHADO, escritor

■ *Jurassic Park: Parque dos Dinossauros* (Steven Spielberg, 1993)
Meu filme favorito não é necessariamente o melhor que já assisti, mas aquele que me fez querer voltar ao cinema todas as semanas nos anos seguintes, atrás daquela sensação de transcendência que só a ficção proporciona. Aos 11 anos, minha mãe me levou para assistir à estreia de *Jurassic Park: Parque dos Dinossauros* no GNC do Praia de Belas, então o único cinema de Porto Alegre com som digital. Perdi a conta de quantas vezes revi esse filme depois.

LEONID STRELIAEV, fotógrafo

■ *A Bela da Tarde* (Luis Buñuel, 1967)
Meu filme preferido é o Kodak, mas falando de cinema, um filme que gostei muito, porque é sem violência, romântico, agradável e tem a Catherine Deneuve é *Belle de Jour*. Não gosto de filme que dê medo, como os do Hitchcock. Deus me livre!

FÁBIO FERNANDES, escritor e tradutor

■ *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942)
Roteiro empolgante, escrito com base numa peça de teatro, e extremamente atual na época: o filme é de 1942, no olho do furacão da Segunda Guerra – mas, talvez o mais importante, não datou com o tempo, permanece atual, porque é um filme EM guerra, e não um filme DE guerra. A direção de Michael Curtiz é certeira no ritmo e no foco nas

personagens, cujas emoções dão o tom do filme. Dizer que Humphrey Bogart e Ingrid Bergman estão excelentes é uma redundância, mas até mesmo os atores coadjuvantes, como Paul Henreid, Conrad Veidt e Sidney Greenstreet, grandes atores da época, se destacam a cada cena em que aparecem. E a cena dos frequentadores do Rick's Café American cantando a *Marselhesa* é de fazer até um muro de concreto chorar. Há alguns anos, tive a felicidade de ver *Casablanca* no cinema num festival da Warner e o filme na tela grande é assombroso, fiquei comovido até a medula. Continua meu favorito de todos os tempos.

MÁRCIO SIMÕES, dublador

■ *Batman: O Caveleiro das Trevas* (Christopher Nolan, 2008)
É o meu preferido tanto pelo próprio filme, mas também pelo trabalho do Heath Ledger. E, claro, tem algo de emocional, já que fui eu que dublei o personagem Coringa na versão em português.

NICO NICOLAIEWSKY, ator e músico

■ *Matrix* (Andy e Larry Wachowski, 1999)
Um que eu gostei muito foi *Matrix* (o primeiro, é claro), porque junta uma história com uma questão filosófica interessante e cenas de ação surpreendentes esteticamente.

ÉRICO ASSIS, editor do site de cinema Omelete

■ *E.T.: O Extraterrestre* (Steven Spielberg, 1982)
É uma escolha que pende para o prazer infantil, e pessoal, mas também tem a ver com o que penso sobre o cinema em termos de experiência e linguagem. *E.T.* foi uma das primeiras visitas ao cinema, arrastado pelos meus pais. Lembro que passou várias vezes nos cinemas da minha cidade, durante minha infância – eu não perdia nenhuma. Tem camadas de significado do filme que só fui entendendo enquanto crescia. Já reparou na quantidade de cenas silenciosas, de interpretação de olhares, que ele tem? Isso acabou virando prazer intelectual nas vezes que revi – mesmo que não tenha deixado o prazer

mais simples de ver o E.T. renascer, ou as bicicletas voando. Hoje em dia não sei dizer se meu prazer com filmes de um Wes Anderson, de um Christophe Honoré ou de um Alfonso Cuarón são somente pelo lado intelectual, mesmo que alguns me deixem de coração apertado por dias. É difícil reencontrar esse prazer infantil com o cinema.

HORMAR CASTELLO JUNIOR, diretor de programação da rede GNC Cinemas

■ *Cinema Paradiso* (Giuseppe Tornatore, 1988)
Trata-se da maior obra cinematográfica para quem nasceu dentro de um cinema. O filme nos homenageia da forma mais sublime, com grande sensibilidade. Certamente não será feito outro filme desta natureza com imagens e músicas tão perfeitas. Emociona desde o primeiro minuto!

SERGIO NAPP, escritor

■ *Hair* (Milos Forman, 1979)
Centenas de filmes marcaram meus jovens 70 anos. Começando com Roy Rogers e seu famoso cavalo branco, Silver. Mais adiante, *Vinhas da Ira*, *Rastros de Ódio*, *Luze da Ribalta*. Fellini, Antonioni, Visconti, Godard, Truffaut, Eastwood, Salles, Meirelles. Mas o que salta à frente quando me perguntam, é, sem dúvida, *Hair*. O tema, a trilha sonora, a cenografia, a luminosidade. Milos Forman recupera o musical e lhe dá nova dimensão. A cena do Central Park e a final me embargam a cada vez que as ouço ou as revejo.

HIQUE GOMEZ, ator e músico

■ *Sonhos* (Akira Kurosawa, 1990)
Pela excelência e pelo rigor da obra de arte, pelo conceito arrojado e pela trilha sonora maravilhosa.

VAVO, guitarrista da Fresno

■ *O Virgem de 40 Anos* (Judd Apatow, 2005)
Porque a linguagem usada é engraçada e nos ensina novas posições sexuais, como RUSTY TROMBONE e DIRTY SANCHEZ.

ESPECIAL

CAROL BENSIMON, escritora

■ *Estrela Solitária* (Wim Wenders, 2005)

Acho ainda melhor que *Paris, Texas*. A cena do sofá no meio da rua deserta é inesquecível. E a América profunda sempre me seduz.

LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL, escritor

■ *Morangos Silvestres* (Ingmar Bergman, 1957)

Sem dúvida, *Morangos Silvestres*, de Ingmar Bergman. É um filme que me fez adepto incontestável do cinema do inesquecível mestre sueco. É um filme perfeito, tanto na ideia, no roteiro, como nas interpretações, como na fotografia, no som, tudo. Tenho-o quase de cor, cena por cena. Uma lição de arte e de vida. Uma obra-prima da arte universal.

ADÃO ITURRUGARAI, quadrinista

■ *Os Incompreendidos* (François Truffaut, 1959)

Por quê? Eu já vi umas cem vezes e sempre me emociono como se fosse a primeira vez.

SÉRGIO SANZ, documentarista, curador do Festival de Cinema de Gramado

■ *Os Fuzis* (Ruy Guerra, 1964)

Porque tem a mais extraordinária *mise en scène* que o cinema brasileiro já produziu. A fotografia é ótima, o roteiro também, mas principalmente pela qualidade da *mise en scène*.

LUCIANA THOMÉ, sócia-editora da Não Editora

■ *Laranja Mecânica* (Stanley Kubrick, 1971)

Imersa em pensamentos, depois de dois segundos, responderia: *Laranja Mecânica*. A obra de Anthony Burgess perde algo no caminho ao se transformar em filme. Mas é inegável o fato de que Stanley Kubrick, como diretor e roteirista, criou imagens, linguagem e ícones que fazem parte da história do cinema. Não é preciso ser druí ou entender de cinecínico para saber que esse é filme horror-show. Um brinde de moloko a isso!

SANTIAGO, desenhista de humor

■ *Amor, Sublime Amor* (Jerome Robbins e Robert Wise, 1961)

Um filme que eu vi na adolescência e me marcou. A coreografia, da qual sou um apreciador, foi muito inovadora, sem contar os efeitos do Saul Bass que fez a abertura dos créditos, com Manhattan surgindo aos poucos a partir de um gráfico. A música original do Leonard



Laranja Mecânica, mas também De Olhos Bem Fechados e 2001: Uma Odisseia no Espaço: todo filme de Stanley Kubrick vira clássico

Bernstein também é maravilhosa. Tudo é maravilhoso. Tudo me impressionou.

ZÉ VICTOR CASTIEL, ator

■ *Cinema Paradiso* (Giuseppe Tornatore, 1988)

Porque é um dos mais belos filmes que eu já vi na vida, contando a história do cinema através da história daquele menino projetorista. É lindo. Meu predileto.

JUREMIR MACHADO DA SILVA, jornalista e escritor

■ *Os Vivos e os Mortos* (John Huston, 1987)

Uma sonata existencial em imagens. A vida suja passada a limpo num único e melancólico encontro.

CLAUDIA TAJES, escritora

■ *Manhattan* (Woody Allen, 1979)

Porque foi onde eu descobri o Woody Allen, e a minha vida seria bem mais chata se isso não tivesse acontecido.

SERGIO FARACO, escritor

■ *Mediterrâneo* (Gabriele Salvatores, 1991)

Porque demonstra, com um fundo musical inesquecível, o encanto de uma vida simples e pacata em contraste com o absurdo da guerra.

ANTÔNIO XERXENESKY, escritor

■ *Três Homens em Conflito* (Sergio Leone, 1966)

Nesse faroeste, Sergio Leone leva ao limite a ideia de que "cinema é imagem" e constrói cenas avassaladoras apenas com jogos de câmera e edição. O tiroteio final entre os três personagens, que, no roteiro, não deve ocupar mais de duas linhas, se dilui no tempo e é transformado em um momento sublime com a trilha de Morricone no fundo.

LUCAS MENDES, jornalista e apresentador do Manhattan Connection

■ *Afterschool* (Antonio Campos, 2008) Cada tempo teve seu filme. *Branca de Neve e os Sete Anões*, *Jules e Jim*, *Cidadão Kane* e, mais recentemente, *Afterschool*, de Antonio Campos.

JOÃO KOWACS CASTRO, escritor e cineasta

■ *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* (Melvin Van Peebles, 1971)

Melvin Van Peebles escreveu, dirigiu, estrelou, montou e "conduziu" a trilha sonora desse filme independente que foi um sucesso de bilheteria. O partido americano dos panteras negras o tornou o seu filme oficial. Revolucionário na temática e na

forma, o *Sweet Sweetback's Baadasssss Song* é um manifesto críptico de um povo oprimido, os negros americanos, no qual é possível ver paralelos com *O Bandido da Luz Vermelha*, *O Acochado*, e o neo-realismo italiano (afinal de contas, quase todos os personagens foram interpretados por não atores). Tudo isso ao som de Earth, Wind and Fire, no começo da carreira, tocando um funk endiabrado.

IVANA VERLE, roteirista

■ *8½* (Federico Fellini, 1963)

Admiro aqueles que conseguem enumerar suas obras preferidas com graça e precisão enquanto eu me debato interminavelmente para eleger um top 50 (mil). *8½* de Fellini é a exceção, tem sido o meu filme preferido nos últimos quinze anos, e acredito que continuará sendo por muitos mais. Tenho um carinho especial pelos filmes que abordam a prática cinematográfica, um encantamento profundo por toda a obra de Fellini, e essa interseção é como um soco gentil em meu imaginário.

NELSON HAAS, bonequeiro

■ *O Filho da Noiva* (Juan José Campanella, 2001)

O Filho da Noiva, porque é um filme que faz você acreditar no amor entre duas pessoas como um projeto de vida.

EQUIPE

RENAN CINTRA, autor da tirinha Ratos de Cinema

■ *A Última Noite de Boris Grushenko* (Woody Allen, 1975)

Pra quem conhece o Woody Allen apenas dos filmes mais recentes vai estranhar *A Última Noite de Boris Grushenko*. Particularmente, gosto do filme pois nele se encontram as melhores piadas-pastelão de toda sua carreira.

GUSTAVO FARAON, editor do CineSemana

■ *Valsa com Bashir* (Ari Folman, 2008)

O filme é uma mistura sem fim, uma combinação de estilos, estéticas, gêneros e formatos. Documentário, animação, depoimento, filme de guerra, entre outras possibilidades de leitura. É um bom exemplo do cinema contemporâneo: pessoal e, claro, híbrido.

GOIDA, crítico de cinema e colaborador do CineSemana

■ *Cantando na Chuva* (Stanley Donen e Gene Kelly, 1952)

Pois conta a história da evolução do cinema – do mudo para o todo falado, todo cantado, todo dançado – num espetáculo divertido, dinâmico, imortal.

KATIANA RIBEIRO, repórter do CineSemana

■ *Edifício Master* (Eduardo Coutinho, 2002)

Um dos meus filmes favoritos é *Edifício Master*, de Eduardo Coutinho, porque retrata histórias de vida, traçando o perfil de cada pessoa entrevistada.

ELIZIÁRIO GOULART ROCHA, jornalista e um dos idealizadores do CineSemana

■ *Casablanca* (Michael Curtiz, 1942)

Casablanca é inesquecível. Pela história, pela beleza da Ingrid, pelo charme do Bogart, pelo romantismo fatalista e, afinal, devemos sempre lembrar Paris.

VINICIUS KRASKIN, diagramador do CineSemana

■ *A Lista de Schindler* (Steven Spielberg, 1993)

Não sei se é o melhor filme que já vi, mas posso afirmar com certeza que é um dos melhores. Uma grande obra de Spielberg: incrivelmente perturbadora e emocionante.

CRISTINA POZZOBON, diagramadora do CineSemana

■ *Um Lugar Chamado Notting Hill* (Roger Mitchell, 1999)

É um filme que mostra o cotidiano, é leve e inteligente, sem grandes pretensões. Eu gosto.

NESTE DIA DE FESTA, PRESENTEIE COM UM LIVRO.



Em *Inocência e a criança divina*, o avô, que nasceu no Velho Continente, e atravessou oceanos para se estabelecer numa terra desconhecida, preenche o papel do sábio que, na sua característica central, conhece os segredos do cosmo e o significado da vida.

Seus conhecimentos sem igual entre os homens é o que o neto leva consigo em *O Despertar do Inocência*, quando a mão invisível do destino o afasta do mundo paradisíaco em que vive e o conduz à grande cidade.

Quem sou eu? O que faço aqui na Terra? Qual é minha tarefa?

Inocência então desperta, e deixa a segurança da família para empreender uma longa e difícil jornada rumo ao desconhecido em busca de sua individualidade.



www.seleneeditora.com.br
selene@seleneeditora.com.br

REPRESENTANTE NO RIO GRANDE SUL:
Martins Livreiro-Editor
Tel.: (51) 3228-7552
mail: martinseditora@terra.com.br